

Editorial

É com imensa satisfação que se coloca à disposição dos estudiosos da Área este número da revista *Animus*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática.

O presente número da *Animus* examina as questões centrais, apontadas pelos diferentes episódios, sob outro prisma: o ponto de vista de um tipo mais especializado de recepção, representado por uma gama de telespectadores que são também pesquisadores e analistas dos produtos que a indústria televisual coloca no mercado.

Assim, este número da revista contém nove artigos de pesquisadores de renome nacional e internacional, que se dispuseram a prestar sua colaboração, discutindo teoricamente aspectos abordados pelos programetes, que a prática de realização atualiza, com especial atenção às questões ligadas aos subgêneros, formatos e tons em televisão.

O foco central do programa *Por trás da telinha* é a caracterização de um tipo específico de seriado, o sitcom, com vistas a distingui-lo de outros subgêneros que operam com o ficcional. Nessa tentativa, procurou-se, antes de tudo precisar a definição de alguns termos de uso corrente entre os estudiosos de televisão, necessários, não só à caracterização de diferentes tipos de produtos televisuais, como para a discussão de questões a eles concernentes.

Na persecução deste objetivo, iniciou-se, por incrível que pareça, pela própria definição de programa televisual. Os programas são os produtos que a mídia televisão coloca no ar, comportando, cada um deles, um certo número de emissões, que se apresentam como fragmentos (partes) ou como como segmentos (todos), componentes do texto maior, representado pelo próprio programa.

Do ponto de vista metodológico, semioticamente falando, conceber o programa como um texto é considerá-lo, no interior do processo comunicativo que o enforma, como um todo de sentido que pode ser analisado em suas relações internas, entre expressão e conteúdo e em suas relações externas, tanto do ponto de vista sintagmático, em direção a outros textos que o precedem e sucedem na cadeia, como do ponto de vista paradigmático, considerando os outros textos pelos quais ele poderia ser substituído e com os quais mantém ligações de semelhança e dessemelhança.

A serialidade, critério maior de distribuição e estruturação dos produtos televisuais, diz respeito não só a um tipo de organização que é exterior ao programa, como incide fortemente sobre estruturação interna dos produtos televisuais.

Essa exterioridade refere-se aos critérios de seleção, distribuição e combinação de programas na grade de programação, que, atentos às diferentes lógicas e demandas econômicas, culturais e sociais, consideram: (a) as características do público disponível nos diferentes horários e dias da semana (sexo, faixa etária e nível cultural); (b) os gostos e preferências desse público-alvo; (c) os subgêneros de programas mais indicados a esse público-alvo.

A disposição serial dos produtos televisuais na programação das emissoras trabalha, assim, simultaneamente, com princípios de seleção e combinação de programas, funcionando com dois eixos temporais: o horizontal, que dá conta do desenvolvimento sintagmático dos programas, na seqüencialidade semanal de suas emissões, operando sobre a programação enquanto periodicidade e reiteração; o vertical, que responde à inserção da emissão de um programa no fluxo da grade diária de uma emissora, em horário definido, precedido e sucedido por outros produtos.

A seriação prevê, dessa forma, que cada programa ocupe um determinado e reiterado espaço, de forma regular, na programação, ou seja, que conte com dia(s) de apresentação semanal ou mensais prédefinidos; com o tempo de duração de cada emissão pré-estabelecido e, se for possível, com a previsão do período total de duração do programa na programação da emissora, independentemente do gênero televisual a que ele pertença, seja ele ficcional, factual ou simulacional.

A sintagmática horizontal, que compreende o conjunto de emissões constituintes de um programa, pode manifestar-se: sob a forma de capítulos, ou seja, de fragmentos de uma narrativa que só se completa, enquanto sentido, com a exibição da última emissão; sob a forma de episódios, ou seja, de segmentos com narrativas completas, com início, meio e fim, que, embora preservem atores discursivos, cenários, contextos e/ou estrutura organizacional, são autônomas do ponto de vista do sentido; sob a forma de edições, ou seja, da apresentação de notícias acontecidas no intervalo de tempo compreendido entre uma emissão e outra, mesmo que algumas dessas notícias possam ser retomadas, requentadas e/ou complementadas; sob a forma de apresentações, ou seja, de exibições de reportagens, jogos, espetáculos artísticos ou esportivos, etc, cuja articulação obedece a lógicas seqüenciais diversas, que vão daquelas que presidem os campeonatos esportivos a outros tipos de organizações temáticas.

Quanto à freqüência de exibição, as emissões de um produto televisual, dependendo do seu subgênero, podem ser diária, semanal, mensal ou até mesmo anual. Esse é o caso do Especial de Natal do cantor Roberto Carlos que, há muitos anos, vai ao ar, às vésperas dessa festa.

Quanto à duração total de tempo em que um programa fica no ar, ela, de certa forma, também está ligada ao subgênero: alguns programas têm um tempo pré-determinado de exibição. Existem, não obstante, outros tantos que permanecem em exibição durante anos, a fio, sendo sua permanência definida pela audiência. Esse é o caso dos telejornais, de programas de reportagens, de alguns talk-shows, etc. Há, ainda, os produtos que vão ao ar por temporadas, novas edições, reapresentações, etc.

A seriação incide também sobre a estruturação interna do programa: aliada à adoção de um subgênero, interfere diretamente na construção das diversas emissões que compõem um programa, pois determina: (1) a frequência de sua exibição; (2) o tipo de relação sintagmática que essas emissões, fragmentos ou segmentos, exibidas a espaços horizontais regulares de tempo, contraem entre si – continuidade ou descontinuidade – ; (3) a forma de apresentação dessas emissões que compõem o programa – autonomia ou dependência umas em relação às outras.

Cabe enfatizar novamente que a adoção dessa lógica estruturadora da serialidade é extensiva a toda a produção televisual – telejornais, talk-shows, reportagens, entrevistas, reality-shows, etc – , e não apenas à ficcional: o plano de realidade (meta-realidade, supra-realidade, para-realidade) com que opera preferencialmente um programa de televisão não interfere na sua seriação, pois a ela se submetem todos os produtos televisuais.

Como a proposta aqui é caracterizar diferentes produtos televisuais e, em particular, os sitcoms, parece interessante examinar o tipo de subgênero televisual a que eles se filiam – os seriados.

Contraponto de novelas e minisséries, os seriados são produtos ficcionais que se estruturam de forma bem distinta desses outros subgêneros ficcionais: têm duração indefinida e estrutura narrativa bem mais flexível. Neles, o que importa são situações vividas pelos personagens. Exibidos sob a forma de episódios, apresentam, a cada emissão, relatos completos do ponto de vista narrativo, com início, meio e fim. E, embora preservem a maior parte dos personagens, que reaparecem a cada episódio, estão liberados para as participações especiais.

A regularidade de apresentação das emissões é uma estratégia essencial para o êxito dos seriados, porque ela possibilita a familiarização do telespectador com aspectos do ritual proposto, permitindo-lhe a aquisição e o domínio das normas que presidem o formato adotado pela série. Uma vez firmadas essas estruturas narrativas de base, as alterações introduzidas semanalmente são, então, enfatizadas. Para alimentar a narrativa, cada episódio constitui-se na resolução de uma situação independente, apresentada no início do episódio e resolvida em seu interior. Sua compreensão é facilitada pela manutenção do perfil psicológico dos personagens e pelo desenvolvimento de um tema nuclear.

Existem diferentes tipos e formatos de seriados – policiais, de aventura, profissionais, familiares, etc – . Mas, todos, de modo geral, mantêm essa estrutura narrativa, fundada na alternância entre a repetição e a introdução de elementos novos, possibilitando com que o telespectador acumule conhecimentos em um contexto da estabilidade: o fato de o esquema narrativo permanecer o mesmo e de os personagens principais retornarem a cada semana para enfrentarem novos desafios é simultaneamente instigante e tranquilizador. São exibidos, normalmente, por temporadas: a cada nova temporada, novos elementos são adicionados à trama, com vistas a mobilizar o telespectador.

Os sitcoms conformam-se como um tipo particular de seriados, que se distingue de outros produtos do subgênero pela forma de interação que propõe ao telespectador, ou seja, pelo tom.

Ao abrigo da ficção, os sitcoms não têm, portanto, compromisso direto com o real, mundo exterior, embora se proponham a retratá-lo de forma lúdica. São comédias de situação, crônicas do cotidiano que a televisão exhibe, normalmente, sob a forma de seriados, com apresentação semanal de emissões, denominadas episódios.

Embora, cada episódio seja um relato independente, que se relaciona ou não com os demais, pode ser assistido individualmente, uma vez que é parte de um todo coerente. Mas, ao mesmo tempo, há uma circularidade, pois a história é contada de modo a se inserir no conjunto proposto para e pelo programa, ou seja, respeitando às suas características na globalidade.

O presente número de *Animus* apresenta colaborações que foram concebidas no interior de um projeto maior que contou com o apoio do CNPq, comportando também a produção de um sitcom, *Por trás da telinha*, com argumento centrado na produção televisual.

Por trás da telinha é um programa cujo tema central é a própria televisão às avessas, uma vez que seu propósito é revelar aos telespectadores interessados os bastidores da produção televisual, mostrando, com a própria linguagem televisual, não apenas as etapas de gestação de uma emissão, como os diferentes tipos de preocupação com que se depara a instância de produção/realização, considerando as lógicas que presidem suas decisões. Trata-se de um sitcom que comporta, inicialmente, 15 programetes de 10 min, realizados sob a supervisão e assessoramento de pesquisador especialista em televisão e de um realizador de tv. Seu conteúdo roteirizado versa sobre o fazer televisivo, envolvendo instâncias de produção e recepção; discussão sobre gêneros e formatos televisuais; deliberações sobre a adequação e emprego de macro-estratégias comunicativas e discursivas e configurações de expressão. Assim, cada um dos programetes reflete centralmente uma das grandes questões enfrentadas pelo grupo de alunos envolvidos na elaboração de proposta de um programa televisivo novo, ou seja, que acrescenta aspectos inaugurais em relação aos subgêneros e formatos tradicionais.

Por trás da telinha é um produto híbrido na medida em que, enquanto sitcom, faz humor sobre o cotidiano da própria produção televisual, propondo ensaios sobre diferentes subgêneros cujas normas recupera para apresentar de forma caricaturesca. Seu diferencial liga-se ao tom e ao ritmo; não se esqueça que, ao final, sobre o programa se gravou um reality-show.

Os artigos que compõem esta coletânea, como já se anunciou, abordam diferentes aspectos relacionados aos produtos televisuais, que são ressaltados nos roteiros dos programetes.

Elizabeth Bastos Duarte – Editora convidada da edição

Ada Cristina Machado da Silveira – Editora